



Evento	Salão UFRGS 2014: X SALÃO DE ENSINO DA UFRGS
Ano	2014
Local	Porto Alegre - RS
Título	Relato de experiência de ensino de língua portuguesa em Timor-Leste
Autor	VITOR JOCHIMS SCHNEIDER

Relato de uma experiência de ensino de língua portuguesa em Timor-Leste

Report of a Portuguese language teaching experience in Timor-Leste

Vítor Jochims Schneider, UFRGS
vitorjochims@gmail.com

RESUMO: O objetivo deste artigo é apresentar em linhas gerais uma experiência de ensino de língua portuguesa ocorrida na cidade de Díli, Timor-Leste ao longo do segundo semestre de 2013. A vivência foi desenvolvida em âmbito de cooperação internacional, através do Programa de Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa em Timor-Leste (PQLP). As atividades aqui relatadas foram realizadas na Universidade Nacional Timor Lorosa`e com duas turmas de alunos de diferentes cursos de graduação. Num primeiro momento, o autor apresenta o contexto específico da língua portuguesa em território timorense. Para tanto, é apresentada uma breve narrativa histórica que localiza língua, tempo e espaço. Num segundo momento, o autor apresenta as especificidades do contexto multilíngue que atravessava as atividades desenvolvidas em sala de aula. Por fim, são relatadas algumas atividades propostas com o intuito de promover um ambiente de desenvolvimento de capacidades linguísticas. Além de ser o relato de uma vivência de ensino bastante rica, a experiência suscita inúmeras questões para a prática docente e para a pesquisa linguística.

PALAVRAS-CHAVE: ensino; língua portuguesa; língua adicional; Timor-Leste; descolonização; cooperação internacional.

ABSTRACT: This paper aims to present in boarder terms a Portuguese language teaching experience in the city of Dili, Timor-Leste that took place in the second semester of 2013. The activities were developed through an international cooperation program (PQLP). The experience reported here took place at Universidade Nacional Timor Lorosa`e with two groups of under graduation students. First, the author presents the specific context of Portuguese language in Timorese territory. A brief historical narrative is sketched in order to localize language, space and time. In a second moment, the author presents the specificities of the multilingual context that permeates the activities developed in class. Finally, some activities are reported as tasks for improving linguistics skills. Besides being a report of a rich teaching experience, it raises questions about teaching practice and linguistics research.

KEY-WORDS: teaching, Portuguese language, additional language, Timor-Leste, decolonizing; international cooperation.

O território

Nos últimos versos de *Um cancionero para Timor*, de Ruy Cinatti, lemos o seguinte comentário acerca do trecho “Os vínculos timorenses”.

A bandeira portuguesa preside às cerimónias de paz entre timorenses portugueses e timorenses indonésios, como testemunho dos tratados e como espécie imprescindível no ritual celebrado para esse efeito! Um pedacito dela é mergulhado num copo de aguardente que passa, depois, de boca em boca, entre os representantes dos grupos anteriormente adversários ... (CINATTI, 1996, p. 127).

Ao nossos olhos brasileiros, a mais de 20 mil milhas de distância da ilha de Timor, a cena oferecida pelo antropólogo dos versos pode nos parecer descabida. A bandeira portuguesa, objeto de identificação de um Estado que fez perdurar sua política colonialista até a segunda metade do século XX, é empregada em um ritual de celebração da paz entre os timorenses da porção leste e oeste. Para que seja possível lançar um outro olhar para essa cena, é preciso retroceder no tempo, deslocar-se no espaço e buscar traçar uma compreensão a respeito da constituição do território timorense, e da presença da língua portuguesa nesse coletivo.

Timor-Leste tornou-se um país independente em 2002, após um curto período de administração transitória coordenado pela Organização das Nações Unidas¹. O novo país, totalmente independente, proclama neste mesmo ano sua constituição, que define como línguas oficiais do Estado o português e o tétun. Essas informações, somadas à descrição da cerimônia dos tempos coloniais, destituídas de um breve relato acerca da história deste território, podem deixar o leitor desorientado. Como tudo que será relatado neste breve texto diz respeito a uma experiência na qual os percursos da história traçam fortes linhas, é necessário retrocedermos um pouco a narrativa.

Geograficamente, a ilha de Timor está situada a noroeste da Austrália e ao leste da região conhecida como sudeste asiático insular. Essa região, cuja flora e fauna despertaram o interesse de naturalistas no século XIX, foi palco de ciclos migratórios que antecedem aos registros produzidos pela historiografia moderna ocidental. Os registros de ocupação humana da ilha de Timor datam de 42.000 anos. Supõe-se que essa primeira leva migratória seria originária da

¹ A UNTAET (United Nations Transitional Administration in East Timor) exerceu autoridade legislativa e executiva entre outubro de 1999 e maio de 2002.

Nova Guiné e da Austrália. Uma segunda onda migratória ocorre há cerca de 4.500 anos e tem como ponto de origem a porção asiática a nordeste da ilha, ou seja, a região da ilha de Taiwan. Ao longo do tempo, o cruzamento das populações advindas nessas ondas migratórias acabou por produzir uma série de modificações. Porém, ainda hoje é possível perceber o agrupamento de duas famílias linguísticas no território timorense que atestam as diferenças étnicas entre os coletivos que compunham as diferentes levadas migratórias. O primeiro grupo, advindo na primeira leva, é denominado o neo-papuásico; o segundo costuma ser descrito como austronésico. Na atualidade, essas duas famílias linguísticas apresentam dezesseis línguas espalhadas pelo território de Timor-Leste (HULL, 2002).

Dispersos em um território pequeno, porém montanhoso, os diversos coletivos timorenses desenvolveram uma organização social bastante complexa. Diversos relatos apontam que durante o século XVI, muitos dos reinos do centro da ilha de Timor reconheciam o reino de Waiwiku-Wehale como um reino espiritualmente superior, e portanto, organizavam-se como reinos filiados a esse. De acordo com Durand (2009), há uma série de registros que comprovam que as populações fixadas no território da ilha de Timor não se mantiveram isoladas do restante da Ásia. Há registros tanto produzidos por navegadores chineses como árabes que relatam uma série de contatos comerciais estabelecidos em virtude do sândalo que era abundante na região.

A partir do século XVI, são estabelecidos os primeiros contatos com o ocidente. A ilha de Timor aparece pela primeira vez em um mapa português, produzido por Francisco Rodrigues em 1512. A partir de 1550 um grupo de frades dominicanos é fixado em Solor, ilha vizinha de Timor, para promover o controle do comércio de sândalo da região. Em 1589, é construída a primeira igreja na ilha de Timor, a leste de Oecussi. Diferentemente do ocorrido em território brasileiro, a ocupação portuguesa em Timor não produziu um avanço sobre o território nem a fixação de um grande contingente populacional. Entre os séculos XVI e XIX, o território permaneceu em constante disputa pelo domínio do comércio da região, porém não houve a fixação de um aparelho colonial intensivo. A presença de religiosos católicos atravessou esses séculos, sendo eles os responsáveis pelo estabelecimento de uma série de alianças entre europeus e timorenses (DURAND, 2009).

Na segunda metade do século XIX, com a corrida neocolonial, Portugal se vê forçado a elaborar um plano de colonização de seu território mais distante. Uma série de transformações são impostas pelo governo português, dentre as quais está a inserção da cultura do café e a

exploração do trabalho obrigatório dos timorenses. Em virtude da aplicação desse projeto colonialista, o território que antes parecia estar disposto ao estabelecimento de alianças, apresentava-se revoltoso. Uma série de revoltas anticoloniais tomam conta de parte da ilha na vira do século, porém, o domínio português é mantido.

No século XX, o Timor Português é invadido por tropas japonesas e australianas em virtude da Segunda Guerra Mundial. O país é destruído; cerca de 10% da população timorense é morta. Com o fim do grande conflito, a reconstrução de Timor aponta para o colapso do colonialismo português. A Revolução dos Cravos, em abril de 1974, pôs fim ao regime ditatorial de Marcelo Caetano, sucessor de Salazar. Torna-se possível então a criação de partidos políticos. Seguindo o impulso dos processos de descolonização em Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau e Moçambique, a juventude timorense se engaja na proclamação de sua independência. Em 28 de novembro de 1975 é proclamada a declaração unilateral de independência de Timor-Leste.

No entanto, o que era para ser o desenlace de um longo período de opressão colonial acabou por ter um final trágico. Em 7 de dezembro do mesmo ano, as tropas indonésias do general Suharto invadem o território em vias de independência. Tal manobra militar é tacitamente aceita por grande parte da comunidade internacional, em especial as grandes potências econômicas, visto que a independência de Timor-Leste poderia fazer eclodir uma onda de movimentos alinhados ao eixo comunista. Entre 1975 e 1999, o território timorense passa a ser uma província anexada da também recém independente Indonésia. Durante essas décadas, as manifestações de um desejo de independência da antiga colônia portuguesa foram silenciados através de massacres. Nesse período, grande parte da população timorense foi deslocada de suas moradas, tiveram seus ritos proibidos. A língua portuguesa, que era empregada nas missas católicas, na educação e nas reuniões dos grupos de resistência foi proibida. Tanto as escolas como a administração pública passaram a empregar a língua indonésia (bahasa indonesia) como idioma oficial.

Com a queda da ditadura indonésia do general Suharto em 1989, a década de 90 no território timorense foi marcada por uma série de eventos que chamaram a atenção da opinião internacional para a violência com que os timorenses eram oprimidos. Entre 1998 e 1999 uma série de negociações são acertadas que culminam com a realização de um plebiscito de consulta popular. Com mais 78% dos votos, a população timorense decide pela independência do território. No mês de setembro de 1999, milícias indonésias que ainda estavam no território

promovem um grande massacre que obriga um terço da população a se deslocar pela ilha. No mês de outubro, a ONU intervém nos conflitos e estabelece o governo transitório até 2002.

Desde o estabelecimento da independência de Timor-Leste, o Programa de Cooperação Internacional com o Brasil é desenvolvido. Dentre os projetos desenvolvidos está o Programa de Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa em Timor-Leste (PQLP), financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Desde 2005, o programa envia missões composta de educadores brasileiros para atuar em projetos de formação de professores do ensino-básico e de ensino de língua portuguesa (CASSIANI et. all, 2012).

A sala de aula

Dentre os projetos desenvolvidos pelo PQLP no ano de 2013, é possível destacar as aulas de língua portuguesa ministradas na Universidade Nacional Timor-Lorosa`e. Neste relato de experiência docente, tomarei como objeto as aulas ministradas para duas turmas de estudantes dessa instituição. Ao todo, as duas turmas somavam 27 alunos, sendo 13 do sexo masculino e 14 do feminino. A média de idade entre os alunos é de 20 anos, contando o mais novo com 18 anos e o mais velho com 27. Trata-se portanto de um grupo de jovens nascidos em torno de 1990, ou seja, jovens que quando contavam com menos de 10 anos, vivenciaram os conflitos do plebiscito que possibilitou a independência de Timor-Leste.

Para o sistema educacional do novo país, esta é uma geração muito especial, visto que eles são os primeiros cidadãos a serem escolarizados de acordo com a proposta da constituição timorense. Deve-se observar que, de acordo com o censo de 2010 (RDTL, 2012), 39% da população timorense com idade entre 20 e 24 anos possui a Escola Secundária completa. Numa faixa etária mais avançada, entre 25 e 29 anos, essa porcentagem cai para 31%. Essa diferença indica que o processo de escolarização formal se configura como uma novidade para esse coletivo. Lembrando que a instituição escolar em território timorense foi primeiramente um estabelecimento do poderio colonial português e, num segundo momento, uma peça da dominação indonésia, os dados que atestam que as gerações mais novas apresentam uma maior taxa de escolarização atestam que há na atualidade a formação de um novo contingente populacional que teve sua educação vinculada ao novo aparelho escolar. A jovem geração de

timorenses constitui portanto uma porção desse coletivo que se formou em um sistema educacional autônomo.

Observando o distrito de origem dos alunos, é possível verificar outro importante aspecto da configuração demográfica de Timor-Leste. Apenas três dos alunos é natural do distrito de Díli; todos os demais nasceram em outros distritos e mudaram-se para a capital em virtude dos estudos, do trabalho ou da família. Os distritos mais representados na sala de aula eram os de Ermera, Baucau e Viqueque. A grande maioria dos alunos conta com parentes na cidade, em especial primos e tios; os pais, no entanto, seguem a vida no interior.

Conforme já mencionado, o contexto multilinguístico de Timor-Leste é um fator que atravessa todas as experiências vivenciadas nesse território. Além da presença das línguas oficiais, o tétun e o português, e das línguas empregadas em ambientes de trabalho que se somam a essas, o inglês e o bahasa indonesia, grande parte da população timorense estabelece seus contatos em diferentes línguas nativas. Essas, em sua maioria, são empregadas nos distritos, mas se fazem presentes na capital em virtude das fortes relações familiares. Poucas dessas línguas contam com um sistema de escrita estabelecido. Em algumas comunidades, há algum material gráfico produzido por entidades religiosas ou por setores do governo.

Dentro da sala de aula, o contexto multilíngue próprio de Timor-Leste foi explorado para incitar discussões a respeito da diversidade e da política linguística timorense. Devido a sua complexidade, analisaremos as línguas presentes na vida desses estudantes de duas maneiras. Primeiramente, observaremos as línguas que eles afirmam empregar para estabelecer contato com os membros da família. Em segundo lugar, analisaremos as línguas empregadas pelos mesmos estudantes através dos meios de comunicação disponíveis em Díli, isso é, o jornal impresso, a televisão, o rádio e a internet.

Os dados abaixo foram obtidos através da aplicação de um questionário individual produzido pelo professor em português e em tétun. Os alunos foram solicitados a citar, de modo livre, as línguas por eles empregadas em seus contatos familiares. Com o intuito de verificar diferenças entre gerações, os alunos deveriam responder o questionário em três sessões: a primeira referindo-se às línguas utilizadas no contato com membros da mesma geração, isso é, irmãos e primos; a segunda referindo-se às interlocuções estabelecidas com a geração superior, isso é, pais e tios; a terceira referindo-se às línguas empregadas nas conversas com os avós. O número de citações evidentemente ultrapassa o número de sujeitos, visto que a maioria citou mais de uma língua a ser empregada nas interlocuções familiares. A maior parte dos sujeitos,

citou duas ou três línguas. Para se ter uma ideia da multiplicidade de identidades linguística, apenas um sujeito mencionou o emprego de uma única língua nas interlocuções familiares.

Para falar com os avós		Para falar com pais e tios		Para falar com irmãos e primos	
Tétun	11	Tétun	22	Tétun	25
Mambae	8	Makassae	7	Makassae	7
Makassae	6	Português	7	Português	7
Tétun terik	4	Mambae	7	Mambae	5
Waima`a	3	Bahasa indonésia	5	Tétun terik	3
Bunak	1	Tétun terik	3	Waima`a	3
Fataluko	1	Waima`a	3	Bahasa indonesia	2
Kemak	1	Bunak	1	Bunak	1
Laklei	1	Kemak	1	Kemak	1
Midiki	1	Laklei	1	Laklei	1
Tokodede	1	Midiki	1	Midiki	1
		Tokodede	1	Inglês	1
		Inglês	1		

Quando observamos as línguas mencionadas como empregadas nas relações intrafamiliares, é possível perceber uma mudança entre os diferentes níveis geracionais. O grupo das línguas empregadas para travar contato com os avós apresenta uma grande heterogeneidade quando comparado aos grupos de línguas empregadas para travar contato com pais e com irmãos e primos. Os dados coletados em sala de aula refletem de modo aproximado as informações obtidas pelo censo populacional de 2010 (TIMOR-LESTE, 2010). De acordo com esse documento, os dados apontam para uma expansão da língua tétun entre os jovens, um aumento do domínio das línguas portuguesa e inglesa, acompanhados de um retrocesso da língua indonésia.

Passemos agora à análise do ambiente linguístico extrafamiliar. Os alunos foram solicitados a citar as línguas utilizadas por eles no contato com jornais, televisão, rádio e internet. Mais uma vez, a multiplicidade se fez presente, porém de forma diversa. Quatro línguas foram mencionadas: tétun, português, bahasa indonesia e inglês. As duas línguas

oficiais foram as mais mencionadas, com pouca diferença – 77 menções para tétun; 75 menções para português. O bahasa indonesia obteve 54 menções; enquanto o inglês somou 34 menções.

As atividades

O subtítulo acima pode soar como coisa descabida. Em um pequeno território com grande diversidade linguística, no qual os estudantes mencionam quatro línguas utilizadas para obtenção de informações, habilidades linguísticas é algo que não carece de auxílio. O estrangeiro ocidental, acostumado ao ambiente linguístico bem controlado pelo monolinguismo imposto pelos aparelhos do Estado moderno se surpreende com a naturalidade com que os timorenses trocam de idioma em suas interlocuções. Em uma conversa simples, é possível empregar termos do tétun, do inglês, do português, da língua indonésia. Quando toca o celular, fala-se em mambae ou fataluku com os parentes no distrito. Diante de tal cenário, um pergunta se impõe àqueles que estão incumbidos de ministrar as aulas de uma das línguas portuguesas em Timor-Leste: que papel podemos fazer vir a ter a língua portuguesa na vida desses sujeitos?

Quando perguntamos o motivo pelo qual esses estudantes buscaram as aulas de língua portuguesa, uma resposta se sobressai: a língua portuguesa é uma das línguas oficiais de Timor-Leste. Alguns alunos são precisos e citam o artigo 13º da constituição de 2002. Aliar-se a essa resposta seria tomar partido das oficialidades, mas isso não seria capaz de nos oferecer um norte para o planejamento de uma ação pedagógica.

Num primeiro momento, tomado pelo espanto, recorro a ideia de ensinar o português como uma língua estrangeira qualquer. Desse modo seria possível escapar pela tangente das questões impostas pela realidade. Mas essa tática não perdura. A elaboração de materiais didáticos visando o ensino de uma língua estrangeira parece totalmente dissociada da proposta de desenvolver uma língua portuguesa timorense. Por mais que tentasse propiciar dentro da sala de aula a possibilidade de criação e uso dessa variante em estado nascente, acabava por recair em uma observação sobre as desinências verbais, as concordâncias de gênero, a adequação de algumas preposições.

Sendo o objeto desse ensino o desenvolvimento de uma língua, e não o transplante de uma língua já estabelecida, opta-se por um outro perfil pedagógico. Enquanto as aulas de línguas podem ser descritas pela fórmula do “faça como eu faço”, optou-se pelo lema “faça

comigo”. A partir desse momento, as aulas tiveram como norte o desenvolvimento de vivências, algumas mais duradouras, outras bem breves, de momentos nos quais os alunos eram solicitados a estabelecer um engajamento linguístico.

Num primeiro momento, após a discussão acerca da diversidade linguística de Timor-leste e da presença do português enquanto língua oficial, os alunos foram convidados a fazer uma pesquisa sobre a resistência timorense. O professor, após uma pesquisa realizada individualmente, levou para sala de aula alguns textos acerca dos guerrilheiros que comandaram os movimentos de resistência. Parte dos alunos se interessou pelo tema e passou a coletar informações sobre esses sujeitos históricos para produção de textos biográficos. Esses mesmos textos circularam entre os alunos da turma para que fosse produzido assim um ambiente de troca de informações para fomentar um debate acerca da história da resistência timorense e suas relações com a sociedade timorense contemporânea.

Com o intuito de enfatizar as relações entre o passado e o presente que compõe a narrativa historiográfica de Timor-Leste, o professor buscou incitar nos alunos o interesse pela produção de materiais discursivos que registrassem o cotidiano da cidade de Díli. Em uma aula, foi possível discutir com os alunos a permanência do estado de *resistência* na qual a população da capital timorense se encontra. A maior parte dos alunos, como já mencionado, não é natural de Díli, e, portanto, vive um deslocamento muitas vezes desconfortável na zona urbana.

Desta vez um material produzido em meio fílmico foi a chave para ativação de uma vivência discursiva de dimensão mais larga. Em sala de aula, o professor projetou três curtas metragens documentários produzidos pela Dili Film Works². Os três documentários tem como tema o perfil de um timorense que mora em Díli. O primeiro deles, *Tais Market*, trata do cotidiano de Gabriela, uma tecelã que vende seus produtos no mercado. O segundo, *Salvador*, chamou muito atenção dos alunos, visto que ele apresenta o dia-a-dia de um jovem que natural de Viqueque que se muda para Díli para estudar na universidade. Ao não ser aprovado nos exames, o rapaz passa seus dias a vender *pulsa* (crédito para celulares). O terceiro, *Manu Futu*, apresenta as atividades ocorridas em uma rinha de galo, ambiente bastante comum em toda a região.

² Dili Film Works é uma companhia de produção de filmes e televisão com sede em Timor-Leste. Trata-se de uma organização composta de timorenses e estrangeiros que tem como objetivo promover a produção fílmica local. Os filmes apresentados aos alunos fazem parte da coletânea The First Collection, de 2011. Mais informações em: <http://www.dilifilmworks.com/>

A apresentação do material fílmico rendeu encontros bastante ricos. Os filmes apresentavam a fala dos entrevistados com áudio em tétun, porém as legendas eram em inglês. Assistimos os vídeos mais de uma vez, alternando a fonte linguística, para que os alunos pudessem perceber como apreendiam o material a partir das diferentes possibilidades. Frente a isso, o diálogo travado entre professor e alunos era feito em português. Dessa forma, os alunos tinham a oportunidade, e o desafio, de traspor as informações absorvidas para uma outra forma de expressão. Além disso, os alunos elaboraram ideias de possíveis documentários a serem feitos nos arredores da universidade.

Entusiasmados com o material apresentado, foi oferecido aos alunos a possibilidade de colocar em prática as ideias levantadas. Visto que o professor não possuía um conhecimento avançado a respeito da produção áudio visual, o que se buscou realizar foi um exercício comunicativo. De fato, o lema *faça comigo* estava se fazendo presente. Um grupo de alunos decidiu entrevistar os alunos de outros cursos para investigar quais as dificuldades enfrentadas pelos estudantes timorenses. Outro grupo decidiu mergulhar nos corredores estreitos do mercado Halilaran para coletar a história dos vendedores e os problemas com os quais esses sujeitos se deparam. Para que a coleta de imagens e falas fosse produtiva, foram realizados três encontros prévios nos quais foram trabalhados desde as técnicas básicas de manipulação da câmera e do gravador como os modos de elaborar perguntas e estabelecer diálogos que forneçam informações interessantes.

Passada uma semana de encontros diários para coleta de dados, realizam-se alguns encontros nos quais os alunos foram apresentados os programas de edição de vídeo. Ainda que tais técnicas não pudessem ser ministradas de modo eficaz, foi possível apresenta-las aos estudantes e criar um horizonte de expectativas para futuros trabalhos comunicativos.

Referências:

CASSIANI S.; VON LINSINGEN, I.; LUNARDI, G. *Enfocando a formação de professores de Ciências no Timor-Leste*. Alexandria Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v.5, n.2, p.189-208, setembro, 2012.

CINATTI, R. Um cancionário para Timor. Lisboa: Editora Presença, 1996.

DURAND, F. *História de Timor-Leste: da pré-história à actualidade. História Timor-Leste nian: husi pre-istória to`o atualidade*. Lisboa: Lidel, 2009.

RDTL. *2010 Timor-Leste population and housing census: a census report on young people in Timor-Leste in 2010*. Direcção Nacional de Estatística, Díli, 2012.

HULL, G. *The languages of Timor: some basic facts*. Instituto Nacional de Linguística, Universidade Nacional de Timor Lorosa'e, Díli, 2002.